



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**A MULHER DO MÉDICO: O DESPERTAR DO FEMININO
EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”**

FLAVIA VIANA NOGUEIRA

**RIO DE JANEIRO
2022**

FLAVIA VIANA NOGUEIRA

A MULHER DO MÉDICO: O DESPERTAR DO FEMININO
EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Literaturas.

Orientador: Professor Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier

Rio de Janeiro
2022

RESUMO

O trabalho tem a finalidade de mostrar a forma com a qual se constrói a identidade feminina no livro *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, discutindo os elementos discursivos que compõem a figura feminina da esposa do médico. Também analisa os discursos produzidos por essa obra literária, buscando sua possível influência em se deparar com uma mulher de papel ínfimo que vai se tornando a heroína da história e demonstrando, assim, uma escrita que acentua as representações femininas. Neste trabalho, analisei os papéis desempenhados pela mulher e esposa do médico no livro que compõem o corpo principal da obra. A partir de uma perspectiva de análise do discurso, procuro manter uma perspectiva que possa vincular a construção de textos literários com a construção de figuras femininas. Os resultados sugerem que, em geral, a imagem feminina circula no imaginário do nosso discurso social. É por meio deles que podemos destacar o discurso do mundo das mulheres versus outros discursos baseados em estereótipos femininos inseridos em diferentes contextos históricos e sociais. Por meio de uma semântica global, tento capturar palavras que pertencem ao universo feminino nas palavras e ações das personagens; ao mesmo tempo, percebe-se que a presença dos temas construídos no livro ajuda a dar sentido à figura feminina. Isso permite determinar que o significado que o livro propõe é um estudo montado a partir de uma visão que, ao mesmo tempo é crítica, mas, por outro lado é de uma humanidade lançada sobre o mundo e sobre as pessoas com que nos relacionamos. Por fim, percebemos que a narrativa construída sobre o papel do feminino em *Ensaio sobre a cegueira* suscita, de certa forma, um novo olhar para o que podemos chamar de segundo sexo, ou de sexo dependente: seria a mulher da contemporaneidade, aquela com a qual a existência e as ações são de suma importância nesse mundo. Nessa linha, a autoconsciência de todas as personagens femininas, sobretudo a do papel principal, que é a personagem da mulher do médico que foi o policentrismo que deferiu para atingir um lindo e inovador perfil feminino já intrínseco em toda mulher.

Palavras-chave: surgimento do papel feminino na obra; análises de discurso; mulher; texto literário; dialogismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 O DIÁLOGO ENTRE A TEORIA DE BAKHTIN E A ANÁLISE DO DISCURSO.....	10
2.1) A base da análise de discurso.....	10
2.2) A literatura e a análise de discurso.....	12
2.3) A prática da reflexão através do discurso literário.....	13
2.4) Teoria de Bakhtin dentro do romance.....	14
3 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DENTRO DO CENÁRIO DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO.....	16
3.1) Intertextualidade dentro dos romances de José Saramago.....	17
3.2) <i>Ensaio sobre a cegueira</i> : a reflexão dentro do texto de Saramago.....	18
3.3) Romance que abrange em vários efeitos de gênero.....	19
3.4) <i>Ensaio sobre a cegueira</i> : as características das personagens.....	19
4 A HEROÍNA E AS OUTRAS MULHERES NO LIVRO DE JOSÉ SARAMAGO.....	21
4.1) A concepção do comportamento da mulher no universo feminino de Saramago.....	23
4.2) O aspecto feminino sob o escrutínio em <i>Ensaio sobre a cegueira</i>	26
4.3) O autoconhecimento do aspecto feminino em <i>Ensaio sobre a cegueira</i>	28
4.4) As variadas visões a respeito da mulher.....	31
4.5) Heroína, sua visão e a sua peculiar autoconsciência.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6 BIBLIOGRAFIA.....	45

1 - INTRODUÇÃO

A articulação entre a análise do discurso e a literatura permite fazer descobertas significativas no campo da construção do sentido textual. A análise pode, assim, nos levar a uma compreensão mais profunda do significado dos textos literários, relacionando-os às condições que permitem que eles surjam, os papéis e regras que regulam a prática discursiva e as representações que compõem os textos. Por fim, há a questão das relações intersubjetivas, ou seja, sua alteridade.

O discurso literário, no que lhe diz respeito, talvez seja observado como uma prática cuja finalidade é desafiar os leitores a refletir sobre os temas apresentados na trama de uma determinada obra. Em um romance, por exemplo, esse tema ocorre através da estrutura discursiva do "diálogo", o que pode ser feito analisando a "fala" de diferentes personagens e de quem narra, pela arguição da "voz" de Saramago, implicitamente. É nessa perspectiva de diálogo que se pode analisar os caminhos e configurações por meio dos quais ele apresenta e representa posições, ideologias e pontos de vista por meio do discurso.

Deste modo, procura-se validar, através da obra de *Ensaio sobre a cegueira*, a importância da imagem feminina e a ruptura da postura estereotipada de um ser inacessível e socialmente funcional. O autor José Saramago, através de uma personagem nomeada apenas como a esposa de médico, através de sua extraordinária perspicácia, permite que se mergulhe na história do século XXI e veja verdadeiramente os problemas enfrentados nos dias atuais, mostrando a personagem feminina, dando voz e oportunidade para uma personagem que demonstra consistentemente o poder que existe na figura feminina. O estudo teve como objetivo colocar as seguintes questões: Qual foi a intenção interna da inversão utilizada pelo escritor português ao escolher aquela mulher como heroína da história? Qual o papel que a mulher representa na sociedade moderna? Todas essas habilidades femininas que as mulheres possuem já nascem com elas? Assim, a fim de orientar o leitor a ampliar seus conhecimentos sobre o assunto a ser discutido, encontram-se na obra de Saramago as mulheres heroicas e misteriosas na imagem da esposa do médico.

A articulação entre a análise do discurso e a literatura nos permitiu fazer descobertas significativas no campo da construção do sentido textual. A análise do discurso pode, assim, nos levar a uma compreensão mais profunda dos significados dos textos literários,

relacionando-os às condições que os fazem aparecer, os papéis e regras que regulam a prática do discurso, as representações sustentadas pelos textos e, finalmente, questões que envolvem relações intersubjetivas, isto é, sua alteridade. O discurso literário, por sua vez, pode ser visto como uma prática cuja finalidade é desafiar os leitores a refletir sobre os temas apresentados na trama de uma determinada obra. Por exemplo, em um romance, esse tema ocorre através da estrutura discursiva que "dialoga" e pode ser entendido pela análise do "discurso" de diferentes personagens e narradores, ou mesmo pelo exame da "voz". A "voz" implícita do autor. O próprio autor se vê como uma fonte de valor em risco. É nessa perspectiva de diálogo que podemos apresentar e expressar os caminhos e configurações de posições, ideologias e pontos de vista.

Neste trabalho existe um interesse particular na representação das figuras femininas na literatura, que emana no discurso sobre as mulheres. Nesta perspectiva, *Ensaio sobre a cegueira*, revela-se um "lugar" privilegiado para a compreensão destas representações discursivas, sobretudo pela sua particular ênfase nas figuras femininas: as protagonistas são mulheres. Além disso, esse discurso que diz muito sobre a mulher, transpassa por procedimentos diversos e envolve diferentes formas de discurso, que podem se referir à atitude, comportamento e status da "mulher" na sociedade. Desde o século passado, com o surgimento do chamado "segundo sexo", a imagem da mulher vem sendo estudada em diversos campos do conhecimento. As mulheres da sociedade moderna têm papéis muito representativos e heterogêneos, e o século XX mostra uma guinada para as mulheres, embora ainda haja um longo percurso para ser alcançado na igualdade de gênero que as pessoas almejam. Suas conquistas lhe deram mais autonomia para agir e se expressar, marcando a sociedade em geral. Novas perspectivas vieram, e as mulheres passaram a se destacar em todas as áreas sociais, políticas e culturais do mundo. Cabe, então, traçar o modo como as mulheres são representadas na literatura, ou mais especificamente, nos romances do autor português José Saramago, revelando como o escritor elabora discursivamente a imagem ou representação da figura feminina.

Mas Saramago nos traz, além das figuras femininas que estão no livro, um caráter estilístico inconfundível: ainda que alguns remetam a elementos tradicionais da narrativa, outros são originais. Na ficção, por exemplo, é a pontuação que chama a atenção imediatamente, em desacordo com as normas gramaticais. Esse recurso não se limita aos livros citados acima, mas também existe em outras obras do autor. A partir de *Levantado do Chão* (1980), Saramago aderiu definitivamente a este estilo "reduzido" de pontuações e foram substituídos por ponto e

vírgula. Deste ponto de vista, o texto Saramaguiano parece mais uma forma de contar histórias, tipicamente oral. A estrutura de citações diretas presente na maior parte da narrativa é outra clara marca de Saramago. Quando o interlocutor muda, aparecem apenas uma vírgula e uma letra maiúscula, sem travessões ou aspas para indicar as diferentes "vozes" que se alternam na estrutura do enredo. Estas "vozes" se mesclam e às vezes é quase impossível identificar quem disse o quê.

Os romances, que são o gênero do discurso, nos faz questionar o porquê Saramago escolher a palavra "ensaio"? Uma possibilidade é que o autor tenha escolhido deliberadamente esse "rótulo" porque é sabido que ensaio literário tem conteúdo crítico relacionado ao que se acredita ser verdadeiro. Assim, o romance é realmente uma crítica da sociedade, por conta da condição das mulheres e da condição humana e, em geral, da subjetividade fragmentada do mundo moderno. A cegueira também tem importância expressiva no texto. Como se sabe, o branco tem como representatividade metafórica o que vem da luz e o preto, representa o obscuro. Porém, na narrativa, a cegueira é retratada como branca, que lembra um "mar de leite". Esta forma altamente contagiosa de cegueira branca está se espalhando por todo lugar, tomando conta do país inteiro. Tendo isso como ponto de partida, Saramago reforça as ações dos personagens, levando o leitor a refletir profundamente sobre as relações à beira do caos. As condutas das personagens mudam da mais violenta para a mais terna e solidária, e as pessoas são obrigadas a reaprender a viver diante das dificuldades dessa cegueira (e, assim, assumir outros valores).

Outra característica importante do estilo de Saramago neste "ensaio" é a ausência de nomes próprios para essas personagens, embora o autor consiga personalizá-las ao especificá-las por substantivos não nominativos como: a mulher do médico, taxista, rapariga de óculos escuros, médico etc. Provavelmente, ele usou essa técnica para generalizar os seres humanos, enfatizando o fato de que somos todos iguais. Isso também ocorre com nomes de países, cidades e ruas: não há espaço-tempo preciso na narrativa. Todas essas questões são fascinantes, mas o objeto estudado é a imagem da mulher do médico, e o principal objetivo é entender o âmbito feminino, estimular os instintos da mulher nas mais diversas situações, seja como mãe, na sororidade ou na existência humana em si, simpatizantes, assim como diferentes abordagens e nuances, se enquadram na enorme presença deste tema nas pesquisas atuais, literárias. Além disso, uma melhor compreensão da representação feminina em *Ensaio sobre a cegueira*, pode fornecer mais conhecimento sobre o livro. O autor elabora uma rede de ações, posições e

discursos, principalmente de personagens femininas, despertando o interesse em encontrar as várias possibilidades de leitura dos discursos das mulheres e sobre elas.

Este trabalho é de natureza descritiva e interpretativa. O primeiro ponto observado consiste em descrever os papéis sociais atribuídos às características da obra e, em seguida, analisar seus enunciados e atitudes expressivas, bem como as diferentes consciências representacionais (suas ideologias e as formas discursivas em que essas ideologias se encarnam), assim como o comportamento assumido do narrador em conformidade com a principal personagem da trama. Ele se concentrará na identificação de elementos relacionados ao status da mulher na narrativa de Saramago e questões do dialogismo de Bakhtin. Bakhtin, o fundador do termo dialogismo, pode ser observado como um divisor de águas na tradição da prática da análise textual, e não há dúvida de que foi um dos pioneiros da análise do discurso, ainda que não o esperasse. Para ele, todo texto é um dispositivo de diálogo, constituído por vários enunciados e vozes. O uso da linguagem tem uma relação íntima com a sociedade e fornece a base e as condições para a produção do discurso. Cada discurso é permeado pela heterogeneidade que o estabelece.

Para Bakhtin (1993), os signos e, por amplificação, o discurso e a própria consciência, constituem um fato ideológico social. O discurso nasce do que foi dito e sempre se expressa a partir de um determinado "lugar", exigindo também que seu público ocupe um determinado lugar. A análise desse texto literário possibilita a reflexão sobre a relação que se estabelece entre o "interno" e o "externo" do discurso e a heterogeneidade de expressão no discurso. No que diz respeito ao campo da literatura, Bakhtin (2005) no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* tenta definir romance polifônico como sendo um romance capaz de tocar múltiplas vozes que interagem entre si, mas estão em pé de igualdade. Por exemplo, o protagonista do estilo Dostoiévski pensa, age e se movimenta de maneira autônoma nas múltiplas vozes de um romance polifônico, consciente do mundo e autoconsciente, à medida que expõe e interage com o que pensa de si mesmo. e dialoga com o outro.

É importante ressaltar que, como disse o escritor russo Fiódor Dostoiévski, qualquer romance é dialógico, pois o que foi dito é sempre citado e reutilizado. Dostoiévski, apesar de filólogo, era o maior influenciador da filosofia moderna, um nome essencial para a corrente do Existencialismo. Interessantemente, o discurso de ideia de que melhor expõe um quê de ideologia subjacente de Dostoiévski é o conceito do respectivo Bakhtin, também filólogo de formação, porém, ele elaborou mais suas ideias, em consonância com a chamada filosofia da

estruturação Dostoiévskiana. Não surpreende, portanto, que, além de desenvolver um pensamento filosófico, Bakhtin também tenha realizado um estudo aprofundado da obra do autor russo, pois vai para mais do que se inspirar apenas em Dostoiévski, o filósofo e crítico que expõe abstratamente a crítica filosófica e implícita do artista. Ele era um pensador que acreditava que os princípios da obra de arte de Dostoiévski eram semelhantes à sua própria filosofia. No início de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, ele enfatiza o caráter filosófico polifônico do grande escritor russo:

Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévski se compôs em várias teorias autônomas mutuamente contraditórias. Entre elas as concepções filosóficas do próprio autor nem de longe figuram em primeiro lugar (BAKHTIN, 2008, p. 8).

Esta afirmativa de Bakhtin, descreve que as ideias do autor russo estão manifestadas em seu diário; que para Bakhtin (BAKHTIN, 2008), Dostoiévski não separa o autor do narrador, estes estão interligados de forma implícita. Em sua resenha do destino crítico no início do livro de Dostoiévski sobre as questões poéticas, ele critica interpretações limitadas a identificar correntes ideológicas expostas por personagens, que vezes procuram identificar uma suposta ideia do autor, sendo através da fala do narrador em terceira pessoa, ou sendo na fala de um personagem qualquer. Para Bakhtin, Dostoiévski foi o criador do romance polifônico. É importante também lembrar que Bakhtin, no ensaio *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, 2010), critica o questionamento puramente biográfico, diferenciando o autor/pessoa de o autor/criador, essa parte sendo intrínseca, apesar de diversas das vezes implícita, à obra.

Portanto, para aprender como o dialogismo se apresenta em *Ensaio sobre a cegueira*, determinando como o autor idealiza suas personagens e seus narradores, especialmente como ele planeja implícita ou explicitamente a temática do feminino que nos conduzem nesse livro para aprender como o dialogismo se apresenta [...]” o que devemos, nós leitores, fazer? Possibilitando assim uma melhor compreensão de seu trabalho de construção estética e ideológica. É possível entrever que as personagens femininas da obra, embora não tenham expressado diretamente seus pontos de vista ideológicos - nem mesmo o autor comentou, nem foram ideologicamente consideradas pelo autor -, nos permitem compreender sua "visão de mundo" ou de "ideologia" através da forma como atuam, falam e a postura que assumem. A voz da mulher do médico, designada como a personagem principal, é mais plena nesse sentido, em contraste com outras vozes (outros personagens) formadas no diálogo.

Vale destacar a construção da imagem feminina de Saramago, o modo como elas se comportam, falam e apresentam algumas características e não outras; e quais previsões dos leitores estão contidas nas expressões dessas mulheres, ou seja, quais formas de aprovação e crítica são, em última instância, assumidas na capacidade de leitura das personagens femininas. Esses níveis de interesse estão ligados à análise de textos literários, que é essencialmente um processo de diálogo que visa avaliar suas dimensões interpretativas, o que, por sua vez, depende do processo de produção do texto.

O enredo narrativo e os fios textuais, juntamente com seus diálogos, e a forma como retratam as personagens femininas, desafiam os leitores a reconhecer as posições discricionais das mulheres no texto, aceitar essas descrições, as posições dessas mulheres, ou criticá-las e, assim, reconhecê-los e criticá-los a partir da inscrição do leitor coloca rastros de antevisão. Para Bakhtin, especificar atividades que possibilitem a compreensão simultânea de diferentes energias, por exemplo, o uso de uma determinada palavra em diferentes contextos, que obviamente possuem diferentes significados, implica que o enunciado seja motivado por diferentes linguagens pré-existentes, que se originaram em muitas camadas contextuais enraizados em diferentes linguagens internas e diferentes eventos sociais, esses fatores na linguagem constituem um sistema cultural específico de uma sociedade específica. No entanto, o conceito de sentido deve ser compartilhado com os outros porque se constrói no diálogo, ou mais especificamente, no dialogismo (BAKHTIN, 1993). O que efetivamente é importante, é a personagem levar em sua autoconsciência o que adquire e sua conduta dependerá de si mesma e do vínculo construído com o mundo em que está entreposta.

[...] não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o valor de tais traços para ela mesma, para a sua autoconsciência. (2008, p. 47)

2 – O DIÁLOGO ENTRE A TEORIA DE BAKHTIN E A ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 A base da análise de discurso

A estruturação do sentido de um texto é reflexo das estruturas discursivas através dele que impõem suas condições de possibilidade e seus modos de circulação na sociedade. Assim, podemos ver a dimensão já contida no conceito de discurso em sua origem, uma vez que o texto em que o discurso se manifesta e se substancializa, aparecendo como um objeto-sintoma, que

deve estar relacionado a algo fora dele, mas constitui de seu próprio interior materializado. Assim, o discurso é fundamentalmente heterogêneo. Na superfície é marcado pelo outro, mas em outro nível, mais amplo, o outro é parte integrante de todo discurso. Essa dimensão é tributária da reflexão de Bakhtin, é crucial no desenvolvimento da análise do discurso, e tem sido amplamente discutida por diversos teóricos, incluindo Michel Foucault (2004), que determina a partir de um lugar social o que pode ou não dizer.

[...] Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1998, p. 136.)

Saramago, que diz muito sobre uma discursividade plural, um interdiscurso e uma heterogeneidade mais discursivos, mais dispersivos; referem-se à visão de que são acontecimentos antes de tudo. Foucault constrói um caminho totalmente diferente para o entendimento do sujeito: se desloca desse espaço no qual se relaciona individualmente um sujeito, apoderando-se do espaço de uma relação mais abrangente, pautada no entendimento de dispersão doo sujeito. Heterogeneidade discursiva está propriamente interligada a essa dispersão, pois no discurso as pessoas estão sempre falando de algum lugar, não permanece o mesmo: eu estou falando e, ao mesmo tempo, não sou o mesmo. Foucault acrescentou temas a respeito do assunto.

Assim, em sua releitura do conceito de polifonia de Bakhtin, dentro dos limites da semântica argumentativa, o falante é o som que ocorre na pronúncia, e o falante não pode atribuir palavras precisas a si mesmo. Você tem que considerar que o comunicador é para o locutor o que o personagem é para o escritor de um romance. Isso explica por que um falante pode colocar uma posição diferente da sua em uma cena em suas próprias palavras, assim como um romancista pode colocar um personagem em uma cena que não corresponde à sua própria posição. Os falantes podem até construir uma orquestra inteira de vozes conflitantes, nenhuma das quais necessariamente reflete sua própria posição, e dessa mistura de vozes díspares e dissonantes empregadas por diferentes personagens, conseguem fazer com que a outra voz solo se destaque. Posição própria, posição restaurada pela cumplicidade na interpretação mantida com o leitor ideal.

De fato, Bakhtin (1993) foi o primeiro a questionar a singularidade do sujeito falante, sugerindo o conceito de diálogo, que se manifesta de formatos diversos nos discursos romanescos que ele estuda particularmente. O autor vê múltiplas vozes em diferentes

dimensões: - pela expressão da diversidade de dialetos: dialetos locais, termos técnicos, gírias diversas etc.; - pela dimensão intertextual, a capacidade de um enunciado se relacionar com outros enunciados do mesmo sujeito; - a dimensão explicativa, o fato de a compreensão ser dialética, implica as respostas que determina; - através da dimensão produtiva, por meio de diferentes modos de relatar o discurso.

Compreende-se, portanto, que ainda que Bakhtin não coloque um determinado personagem em cena para expressar um ponto de vista relacionado a si mesmo ou às suas próprias intenções, ele se deixa implicar pela dimensão interpretativa, ou seja, pelo que significa ser entendido dialeticamente que se prevê como possibilidade na relação que o leitor manterá com o texto enquanto lê e nas conclusões que tirará da história assim constituída. O interesse pela interpretação e sua dimensão dialógica (baseada na teoria bakhtiniana e nos autores em diálogo com ela) justifica-se porque o problema integra as diversas abordagens teóricas aqui mencionadas.

Seja por percursos temáticos ou figurativos, seja pela natureza do enredo narrativo, pelos diferentes personagens e pelas vozes e perspectivas que mantêm no fio do discurso, parece haver um diálogo entre o texto e o leitor: como interpretar, que posição tomar, como avaliar os personagens a partir de suas características salientes e quais conclusões podem ser tiradas de uma leitura de um mundo narrativo ficcional. Se há lógica na leitura, ela parece estar inscrita no texto, assumida, imaginada e idealizada na trama, propondo padrões de inscrição do leitor, levando-o a se orientar, a reconhecer, a ser cúmplice, a unir ou a criticar e que quando lê e reconhece o texto ele vê alianças, indiferenças ou antagonismos entre ideologias para dar sentido às figuras femininas que permeiam o romance de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*.

2.2 A literatura e a análise de discurso

A análise do discurso pode nos levar a uma compreensão mais profunda do significado dos textos literários, relacionando-os às condições que os fazem parecer, às regras do papel e norma das práticas discursivas e às representações que compõem os textos, e por fim, a questão dos diferentes sujeitos nas relações intersubjetivas. É preciso captar o sentido implícito do texto, mais ou menos codificado, pois a configuração do texto, seu aspecto “interno”, sempre nos aponta para uma externalidade, que também o constitui como condição de sua possibilidade. O

discurso literário pode ser visto como uma prática destinada a desafiar os leitores a refletir sobre os temas apresentados em uma determinada trama narrativa.

Em um romance, por exemplo, podemos encontrar diversas estruturas discursivas que nos permitem analisar os temas ali expressos e os caminhos que percorrem para apresentar de certa forma suas posições e ideologias. As redes interdiscursivas permitem revelar estruturas discursivas que se sobrepõem a narrativas, diferentes discursos e memórias discursivas. Portanto, a ficção não se limita ao ato de contar uma história. Ela veicula a imaginação existente na sociedade e revela a representação do sujeito como parte dela. Assim, nesse mundo de transdiscursos, podemos construir identidades, que por sua vez podem revelar esses diferentes discursos e memórias. A base teórica para a relação entre literatura e discurso passa naturalmente pelo estudo de Bakhtin (2005). Ele aponta que a linguagem não é apenas uma coisa estrutural, mas que os indivíduos se comunicam por meio da linguagem com uma certa intenção de questionar os outros.

A partir de então, o autor introduz suas reflexões a respeito do diálogo e analisa os personagens de Dostoiévski para apontar que no discurso literário possui uma consciência estabelecida através do discurso e da imaginação de uma determinada sociedade. A expressão é o produto da interação entre os indivíduos na organização social, entre o eu e o outro, e esse "outro" é, portanto, essencial para gerar o sujeito na teoria bakhtiniana. Por essa perspectiva, para o escritor Dostoiévski, "a vida é essencialmente conversacional. Viver significa dialogar, fazer perguntas, ouvir, responder, concordar etc." (Bakhtin). Assim, a linguagem se integra à sociedade e, por meio dessa integração, revela traços da interação entre os sujeitos, permitindo o encontro entre os discursos. O ato de comunicação é constituído pela existência de enunciados¹ em relação a outros enunciados e ao "outro". Estas variações de vozes, que se eternizam de discurso em discurso, estabelece o dialogismo na linguagem.

2.3 A prática da reflexão através do discurso literário

Como vimos, no que compreende o discurso literário, não somos confrontados com narrativas que simplesmente contam um fato, referem-se a acontecimentos, têm clímax e narrativas finais. Na literatura, inserimos posições que podem (as vezes não) transmitir a visão

¹ O âmbito discursivo constitui o conjunto de todos os tipos de formas discursivas que interagem e delimitam o campo (campo discursivo) a ser estudado. Estas, por sua vez, devem ser entendidas como formas discursivas concorrentes em uma determinada região do universo discursivo; enfim, um espaço discursivo é uma coleção de duas estruturas discursivas que não existem a priori, mas quando o analista julga que são e as coloca em relação quando forem cruciais na construção do sentido do texto.

de mundo do autor. Portanto, devemos ser cautelosos ao dizer que a ideologia que permeia o discurso dos personagens do romance corresponde apenas ao ponto de vista do autor. Além disso, o autor pode pretender que o leitor reflita sobre questões sociais específicas ou mesmo sobre a condição humana. O posicionamento altamente detalhado de Saramago no livro é surpreendente. A literatura é, assim, um campo complexo constituído por práticas vinculadas ao contexto específico de um espaço produtivo, com conflitos e perspectivas que levam o leitor a refletir sobre o mundo ao qual pertence.

Assim, há uma relação inerente entre as condições que compõem a localização da obra, a estrutura discursiva, a memória intertextual e interdiscursiva e o gênero (discursivo). Para que haja comunicação, as pessoas precisam umas das outras. O processo de diálogo ocorre ao redor desse outro, pois a presença do outro no ato de linguagem é essencial. Assim, para Bakhtin, a linguagem é feita por meio da integração dos indivíduos à sociedade e, portanto, tem uma função social e ideológica expressa nos textos. Se, no entanto, a textualização é única e não se repete, então o discurso em que se baseia não o é: ela restitui o que foi dito, anteriormente comunicado em uma outra localidade, a interdiscursividade¹. Para que haja comunicação, as pessoas precisam umas das outras. O desenvolvimento de diálogo ocorre em torno desse outro, pois a presença do outro no ato de linguagem é essencial.

2.4 Teoria de Bakhtin dentro do romance

Como se vê, Bakhtin, foi o precursor e fundador do termo dialogismo, pode ser visto como um divisor de águas no hábito da prática da análise textual. Em sua visão, pode-se dizer que qualquer texto tem uma finalidade dialógica, constituído por vários enunciados e vozes. Outros textos com os quais ele conversa também fazem parte. Portanto, acredita-se que o texto tem uma relação profunda com a sociedade, e suas condições de produção (texto/discurso) perpassam por ele. Cada discurso é permeado pela heterogeneidade que o concebe. O discurso nasce do que foi dito e é sempre articulado a partir de uma determinada posição; é reconstruído a partir dos arquivos e exige que seu destinatário também ocupe uma determinada posição. A análise de textos literários permite refletir sobre a relação que se estabelece entre o “dentro” e o “fora” do discurso e quais as formas de heterogeneidade nele inscritas.

Um dos desassossegos centrais de Bakhtin é a diversidade do discurso. Portanto, ele estuda literatura sob pluralidade (1993). Assim, várias linhas de pesquisa podem ser traçadas a partir da obra de Bakhtin. Um dos objetivos mais dedicados do teórico é compreender os fatores

que possibilitam o diálogo e a interação entre as pessoas. No campo da literatura em particular, Bakhtin (2006) em *Problemas da Poética*, do autor Dostoiévski, tenta estabelecer a ficção polifônica como uma ficção movida pelas vozes de diferentes ideologias. O autor russo compreende neste estudo que as vozes dos personagens são cheias de valor e se comunicam de forma igualitária. No que diz respeito ao herói de Dostoiévski, nós o vemos como um condutor da sua própria palavra cheia de valores.

[...] tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor. Para a consciência dos críticos, o valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor, mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos (BAKHTIN, 2008).

No livro de José Saramago, conforme consta nas Considerações Iniciais, pode-se compreender que os personagens femininos não recebem comentários ou alguma posição ideológica do autor. Contudo, ainda que não expliquem diretamente suas posições ideológicas, sua "visão de mundo" ou a "ideologia" se expressa através das atitudes que falam, agem e assumem. Nela, a fala da personagem feminina central corre paralela à do autor. A fala da "heroína" é absoluta e é composta também pelas vozes das outras personagens. A mulher do médico, portanto, tem autonomia e é construída como se não dependesse das palavras do autor, mas de si mesma, como um todo, seja qual for a vontade do autor, deve ser sempre ela mesma, manter sua coerência, sua própria consciência.

Por outro lado, as palavras e ações da personagem articulam gradualmente um ponto de vista, marcam seu lugar na trama e constituem uma voz que exige reconhecimento e posicionamento. Vai surgindo de dentro de uma personagem simples, sem grandes atrativos, uma mera dona de casa que tem seu papel secundário e típico como a mulher de alguém com relevante importância, aquela que fica subjugada a nunca ter o papel principal e o autor traz essa imagética do que ocorre na vida real e a transforma em a grande personalidade do livro, ele transforma aquela simples dona de casa, a mulher do doutor em a salvadora, aquela que extrai de dentro de si a força inerente da mulher, a qual muitas desconhecem ter. Saramago expõe toda essa transformação de forma a nos trazer reflexão do papel da mulher na vida.

A heroína desempenha uma posição feminina inscrita na obra, não somente por suas próprias palavras e atos, mas também pela posição que lhe é atribuída por outras personagens (além, propriamente, do narrador), posição feminina, cumplicidade e posicionamento que também exige reconhecimento. Nesse aspecto, entendemos que a figuração de personagens

pode advir de passagens não descritivas, qualificando-as pelas opiniões e atitudes que assumem e, portanto, descobrindo-as de um jeito e não de outro. Assim, o autor de um romance possui uma certa intencionalidade: ele tem um “objeto” e o utiliza em seu texto por meio da elaboração dos diversos discursos ali contextualizados. Assim, esses discursos se expressam em torno de objetos, e a dialética se torna um diálogo social. Assim, são múltiplas as combinações de discursos e vozes que interagem e criam a própria voz do autor.

Os textos são objetos de significado e comunicação. Nesse sentido, Bakhtin em sua pesquisa prevê conceitos atuais da linguística, especialmente no estudo da pronúncia. O discurso é o objeto de estudo da linguagem. Nele, há um diálogo entre o você e o eu. Por fim, o sujeito possui múltiplas vozes sociais, o que o torna um sujeito histórico e ideológico. Portanto, não pode ser considerado o centro do diálogo: o sujeito está no espaço criado entre o eu e o outro. É dessa interação que emerge no texto o efeito de sentido construído pelo pluralismo do discurso. O enredo da narrativa e os fios do texto, por meio de seus diálogos e da forma como retratam as personagens femininas, desafiam o leitor a identificar as posições de inscrição das mulheres no texto, aceitar essas formas de inscrição, essas posições das mulheres, ou criticá-las, reconhecendo e criticando o leitor inscrições características preditivas do local. Para Bakhtin há enlaçamento que envolve o eu e o outro havendo uma construção de criação de si próprio a partir de nossas vivências de mundo, assim, a pessoa como um ser falante vai em busca de criação e volta quando absorve dos outros o que lhe é proveitoso. Bakhtin ainda diz que:

A orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem (em todos os graus e de diversas maneiras) criou novas e substanciais possibilidades literárias para o discurso, deu-lhe a sua peculiar artisticidade em prova que encontra sua expressão mais completa e profunda no romance (BAKHTIN, 1995, p.85).

3 - A CEGUEIRA DENTRO DO CONTEXTO NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

Este capítulo apresenta uma introdução ao autor e sua obra. José Saramago é uma figura importante da literatura portuguesa contemporânea, olhando criticamente para a condição humana de forma a despertar os seus leitores para a reflexão sobre a vida. Por isso, ele iniciou discursos da sociedade ocidental na literatura.

Os seus romances são originais e até influenciados pelo neorrealismo português. Essas marcas podem ser encontradas na ficção através da criatividade do autor nas paródias

difícilmente interpretadas, sátiras, ironias, sempre apresentada como forma de olhar para o comportamento e as preocupações humanas, a forma do texto, como a falta de pontuação no final dos parágrafos e períodos e jargão mais acadêmicos. Essas características tornam o estilo de Saramago único na literatura atual, e seus leitores e críticos o consideram um mestre da língua portuguesa. O autor português, que faleceu em 18 de junho de 2010 aos 87 anos, foi considerado um dos maiores nomes da literatura contemporânea. Foi traduzido para mais de 20 idiomas. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1988 e o prêmio Camões em 1995, um dos mais importantes prêmios em seu país.

3.1 Intertextualidade dentro dos romances de José Saramago

Em linhas gerais, entendemos a intertextualidade como o processo de usar ou restaurar textos existentes para produzir novos textos. Para aprendermos e entendermos a intertextualidade neste novo texto, precisamos conhecer o primeiro. A intertextualidade é estudada em diferentes campos e disciplinas e a partir de diferentes perspectivas teóricas. Esses estudos têm origem na linguística textual e na teoria literária, conceito - proposto por Kristeva e apresentado ao público francês logo após sua tradução da Poética de Dostoiévski (1970) - baseado em Bakhtin. Portanto, a intertextualidade é o critério básico para a textualidade, pois faz parte do conjunto de recursos textuais, permitindo sua interpretação. De mais a mais, isso finda a antiquada visão do texto como uma comum sequência de frases.

Há muitos traços de originalidade na obra de Saramago como um todo, por isso o autor é considerado um dos maiores romancistas do mundo atual, ganhador do prêmio Nobel de literatura de 1998, há 24 anos. Entre todas as características inovadoras de sua obra, destacamos também uma: a intertextualidade, que tem como base o uso habitual da paródia. Para Machado (2013), “[...] a mímica pode ser classificada como um fenômeno heterogêneo [...]. Pesquisadores reconhecem a captura e imitação de um gênero e sua subversão”. Assim, percebemos a presença do hipertexto nesse fenômeno linguístico. Identificar esses outros textos nos textos saramaguiano não é trivial. O autor nem sempre alerta seus leitores sobre seus "jogos de linguagem", que muitas vezes nem os reconhecem. A intertextualidade está mais em alguns romances de Saramago do que em outros. Dentro da dialógica de Bakhtin e fazendo uma relação direta com os textos de Saramago, o autor russo diz que não é possível compreender ou mesmo produzir um texto sem que haja conexão com outros já produzidos:

[...] O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o

posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas (BAKHTIN, 1986, p.162).

3.2 *Ensaio sobre a cegueira*: a reflexão dentro do texto de Saramago

O livro expõe as preocupações humanas através de uma mistura de mundo real e mundos fictícios. Por falar de um romance cuja criticidade, comportamentos e ponto de vista circulam no imaginário do discurso social, o autor opta por não dar nomes aos personagens e o espaço onde se passa a trama. Falando em cegueira, como descreveu Saramago, vamos rever rapidamente os princípios da ótica, a partir dos quais podemos dizer que o branco e o preto não são exatamente cores. O branco foi concebido misturando todas as cores existentes no arco-íris, enquanto preta significava total falta de luminosidade. Em outros termos, a cor branca pode ser a reflexão total da luz e o preto pode ser a retenção total. Quando nos referimos a cegueira, imediatamente pensamos em escuridão. Não associamos a cegueira a outras cores. A cegueira é basicamente negra. No livro, portanto, a cegueira não é apresentada desta forma que entendemos como lógica, muito pelo contrário, a cegueira é alva, branca a tal ponto de ser análoga a um mar de leite.

A trama acompanha uma epidemia que se espalha pelo país: uma cegueira que contagia sem explicação científica. Saramago pode ter pretendido enfatizar as relações humanas, o comportamento humano perante o caos, e nos propor a pensar sobre a real insignificância do ser humano diante de uma falta de sentido na vida tão importante quanto a visão (sua e dos outros). No livro, as pessoas despertam instintos selvagens, caracterizados pela violência, agressão, raiva e individualismo, tão evidentes no mundo de hoje. Os personagens do livro não são nomeados e dizem que são anônimos (supostamente porque são personalizados mesmo sem nomes próprios). Também não há uma palavra precisa sobre onde a epidemia ocorreu e onde a história se desenrolou. Referindo-se a esses aspectos, podemos supor que há uma intenção de generalizar as pessoas e o ambiente, ou seja, tomar o texto como um todo. Saramago deixa nítido que a cegueira é uma metáfora para o que vivenciamos hoje no chamado mundo moderno: alienação, perda ou excesso de individualidade, atenção, democratização da vida etc. A essência deste romance é mostrar como os seres humanos são decadentes, como somos cegos para tudo ao nosso redor e como banalizamos as coisas em nossas vidas.

3.3 Romance que abrange em vários efeitos de gênero

Ao que se refere o estudo do gênero textual, Bakhtin, autor do qual é um dos mais mencionados para suas pesquisas sobre o tema, por exemplo: a defesa de romances como gênero literário; os romances polifônicos do método Dostoiévski; a objetivo do discurso literário está ligado ao destino de outros gêneros, o papel e o status do gênero no estudo da linguagem marxista etc. Apesar de ocorrências frequentes em sua obra, tais termos estão constantemente em fluxo. Os artigos sobre o livro já carregam uma suposta ambiguidade sobre a definição de gênero em seus títulos. Deve-se pensar que há aqui um efeito de gênero, que pode ou não ter sido intencionalmente introduzido pelo autor, uma vez que a palavra “ensaio” pode aparecer na literatura contemporânea sem os termos do “ensaio” como gênero.

Desta forma, o ensaio é um texto de caráter único porque passa por uma linguagem poética e iluminadora. Saramago pode ter pensado que o título era para alertar seus leitores de que este é um romance, um romance, mas possui um viés crítico contra as preocupações humanas. É provável que o autor também queira despertar a curiosidade dos leitores mais acadêmicos. Se ensaio é geralmente considerado um gênero como um texto literário crítico, o título causará um alerta antes da leitura. Na realidade, o livro é um romance, mas aborda temas ligados à sociedade, ao ser humano. Isso nos conduz a perguntar: afinal, estamos lidando com romance ou com ensaio? Vamos escolher um resultado intermediário: consideremos que seja um romance, mas com implicação do gênero ensaio. Isso é ficção, mas os leitores são levados a refletir sobre a condição humana por causa da trama apresentada no livro.

3.4 *Ensaio sobre a cegueira*: as características das personagens

No livro de Saramago, as personagens femininas são impelidas por discursos ideológicos (femininos) na tentativa de encontrar seu reconhecimento, e é através da sua autoconsciência que o autor identifica as mulheres e seus papéis nos seus textos. As mulheres que se sobressaem no romance caracteriza o discurso sobre as mulheres na obra, pode ser (re)afirmando alguns estereótipos enraizados no imaginário do discurso social, pode ser contra eles. A mulher do médico, personagem-chave nesse contexto feminino, está sempre no centro da narrativa e da tomada de decisões, como protagonista, responsável por orientar os cegos; a menina de óculos escuros, atuando como mãe, se protege, às vezes porque todos estão em estado de tensão, ela age fora de controle; a esposa do primeiro cego, inicialmente submissa, mas à

medida que a trama avança, ela decide e busca a autoafirmação diante do marido e de seu entorno.

Principalmente por esse aspecto, essas personagens femininas revelam o foco das mulheres de Saramago no romance. Suas atuações, suas ações, seus discursos, fazem parte do emaranhado de figuras femininas no texto, tecendo seu significado e justificando a representação da mulher nele, como marco para a evolução da personagem da protagonista, a esposa do médico. As personagens femininas que aparecem no romance são movidas pela oposição de homens e mulheres, pela posição de gênero (o) em suas palavras e ações ao longo do romance. Eles buscam identidade e se conscientizam de seu papel, importância e lugar no curso dos acontecimentos. As mulheres são personagens expressivos, embora não sejam nomeadas, mas são nomeadas de acordo com a situação ou ocupação em que estão.

As mulheres que aparecem no romance são movidas pela oposição entre masculino e feminino, pela posição do gênero (o) em suas palavras e ações ao longo do romance. Essas personagens procuram uma identidade e tomam consciência de seu papel, importância e lugar no curso dos acontecimentos. Personagens são personagens expressivos, embora não sejam nomeados, mas são nomeados de acordo com a situação ou ocupação em que estão. Nessa perspectiva, o fato de a personagem principal ser chamada de mulher do médico soa contraditório. Talvez assim, Saramago quisesse subverter e até zombar de um dos traços machistas de nossa sociedade: ver as mulheres como dependências e apoiadoras masculinas, essas sim, líderes verdadeiras, heroínas verdadeiras... quanto à ausência de nomes próprios em *Ensaio sobre a cegueira*, os parágrafos que simbolizam são:

[...] Ainda estava nesta balança entre a curiosidade e a descrição quando a mulher fez a pergunta direta, Como se chama, Os cegos não precisam de nomes, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante, Mas escreveu livros, e esse livros levam o seu nome, disse a mulher do médico, Agora ninguém os pode ler, portanto é como se não existissem (SARAMAGO, 1996, p. 275).

Desse ponto de vista, parece paradoxal que a protagonista, a única que pode manter a visão e, assim, poder instruir os outros, seja chamada de esposa do médico. Talvez com isso, Saramago quisesse subverter e até zombar de um dos traços machistas de nossa sociedade: ver as mulheres como dependentes e apoiadoras masculinas, esses sim, líderes “verdadeiros”, “verdadeiramente” os heróis...

4 – A HEROÍNA E AS OUTRAS MULHERES NO LIVRO DE JOSÉ SARAMAGO

As mulheres no mundo atual têm papéis muito representativos e heterogêneos na sociedade. Elas não deixaram de ser mães, esposas, trabalhadoras e chefes de família. Atualmente fazem parte do suporte e do planejamento familiar. O século XX representou a grande (r)evolução das mulheres. Suas conquistas lhe deram mais liberdade para agir e se expressar, marcando a sociedade como um todo. Desse ponto de vista, a construção de sentido discursiva em relação ao universo feminino se dá na leitura do autor. O mundo das mulheres é complexo e controverso, e hoje, na literatura moderna, isso é mais claramente reconhecido. Estereótipos (cultura, comportamento etc.) são predominantes em conversas cotidianas, textos literários, textos de mídia etc. Estereótipos esses que são extensamente conhecidos: sexo frágeis, fisicamente fracos, incompetentes para profissões de nível superior, mulheres de família, mulheres como segundo sexo. Por mais antigos que pareçam, esses estereótipos ainda existem em nosso chamado imaginário do discurso social.

A mulher bela, recatada e do lar é ilegítima perante certos olhares. É da natureza das mulheres que a sociedade crie essa dessemelhança entre os sexos. A mulher, de fato, possui um corpo mais frágil, tem o instinto materno e é protetora da criança e da família e geralmente é a única responsável por organizar o conforto da família. Os homens, por sua vez, têm a responsabilidade de sair de casa e sustentar suas famílias. Assim, esses estereótipos interpretam as mulheres como objetos sexuais passivos, mães dedicadas e esposas obedientes. O mundo vem destacando a importância do homem na construção da história e da civilização, enquanto a mulher tem sido ignorada ou até mesmo ignorada no processo. Mas hoje, em pleno século 21, sabemos que é impossível relatar qualquer coisa, principalmente sobre a história recente, sem mencionar o envolvimento do chamado “segundo sexo”. Assim, as mulheres desempenham uma responsabilidade de grande importância na sociedade contemporânea, que se reflete nos mundos da literatura, das artes plásticas, da vida cotidiana, da mídia, dos negócios e da política.

Esses "campos" são notórios nos livros de Saramago, não apenas pelo que ele diz ser óbvio, mas também porque o que o autor implica no seu avesso, a partir do que o texto contém, aparece fora do enquadramento na dimensão interpretativa, tematizado *Em Ensaio sobre a cegueira* podemos notar uma situação em que uma mulher exerce o poder, uma situação em que ela será mais forte que um homem, principalmente se pensarmos que a condição dele (de

homem) é diminuída na narrativa: ele é cego, doente e indigente, frágil. Sua riqueza material, que logo diminuiu sua masculinidade e força física, fez com que a mulher se destacasse. Nessa situação conturbada, uma mulher que pode enxergar, diante da cegueira dos outros, é somente ela que pode permanecer autônoma e, portanto, no controle de sua própria situação e da dos outros. Às vezes, porém, a mulher teve que recuar, desistindo estrategicamente em prol da imortalidade, abandonando os cegos que se aglomeravam ao seu redor e dependiam dela para sobreviver. Isso permitiu que ela se deixasse violar e, de certa forma, a trouxe de volta ao seu status de mulher registrada em um mundo dominado pelo poder masculino.

O relato de Saramago sobre as mulheres, paradoxalmente, nos mostra toda a fragilidade e poder do universo feminino. Em outras palavras: esse universo é reforçado pelas grandes decisões que surgem justamente da vulnerabilidade, especialmente sua resistência às tentações do poder quando ele está ao alcance. A mulher apresenta imagens de inteligência, realismo e até pureza, enquanto o homem sucumbe ao desespero e confronta o pecado moral da situação em que se encontra - situação que ele não pode resolver (e abusar) sem usar) a condição feminina. Nesse conflito, na exposição do homem a uma situação que o torna impotente e vulnerável, duas figuras dominantes parecem emergir: uma figura feminina, que encontra sua saída mantendo certa ordem; e uma figura masculina, diante de situações que desafiou sua masculinidade original, sucumbiu ao desespero e à tirania, fazendo com que perdesse seus poderes naturais e, diante disso, não teria mais poder (simbolicamente) do que essa luta para se manter. O aspecto biológico parece impor alguma hierarquia entre a força masculina e a vulnerabilidade feminina, mas não nos diz muito sobre o mundo social em que vivemos, é um produto da cultura e da história, em certo sentido reflete a força física do ser humano. O homem e seu papel na imposição do status da mulher.

Assim, na narrativa de Saramago há um discurso de desigualdade de gênero. Dado o apego dos homens aos papéis sociais de dominação e autoridade, os homens sempre desfrutaram de privilégios e prestígio maior do que as mulheres em qualquer lugar. Na literatura, no cinema, no teatro e no mundo da arte em geral, as mulheres que exercem algum tipo de poder são muitas vezes vistas como tendenciosas, vistas como "manipuladoras", "autoritárias" ou muito "masculinas", hipotética na melhor das hipóteses, uma rara exceção. Essas afirmações são indicativas do machismo contemporâneo, mesmo em sociedades mais avançadas onde as mulheres conquistaram espaços importantes nas estruturas de poder. Parece

claro que o progresso no mundo da experiência nem sempre se reflete nos discursos que circulam, que permanecem em grande parte conservadores.

Com consciência ou inconscientemente, essas afirmações são disseminadas e legitimadas independentemente da realidade empírica, e na maioria dos casos, os próprios consumidores, ou seja, as mulheres, não refutam essas afirmações que as silenciam como destinatários do produto, na verdade. Ou, eles estão consumindo demais. Antropólogos, sociólogos, biólogos, linguistas e grupos feministas ou sexistas nos mostraram uma gama de representações da mulher nas sociedades contemporâneas e futuras. Nesse sentido, muitas mulheres buscam desvendar as ideologias que existem dentro da corrente “machista” e quebrar os preceitos e preconceitos que estão enraizados no inconsciente coletivo. Outras vezes, porém, eles mesmos legitimam essas representações corporificadas sem perceber.

4.1 A concepção do comportamento da mulher no universo feminino de Saramago

Saramago abordou os papéis femininos com certa gentileza. Ele idealiza a figura feminina, mas isso não sugere que a constrói de forma plenamente positiva, pois identifica o modelo de mãe zelosa, defensora da família, perfil de obediência, símbolo sexual feminino. Essas questões guiarão a análise do discurso das mulheres, sobre a construção da linguagem e as características do "segundo sexo" em *Ensaio sobre a cegueira*, a partir das características da comunicação efetiva na cultura, e existente em ser reconhecida como suporte para a posicionamento de recebimento da obra. O reconhecimento de traços, posições, a condição humana é através da dimensão interpretativa para moldar uma voz transdiscursiva clamando por justiça, gestos humanitários, enfim, uma “voz” que norteia o posicionamento do destinatário da obra.

No que diz respeito às representações circulantes dos papéis da mulher na sociedade, Saramago traz através dos discursos literários imagens de mulheres que representam posições ideológicas femininas. O papel feminino torna-se assim o símbolo feminino de algo, um símbolo coberto por material ideológico. Saramago leva o leitor a perceber a construção dessas personagens femininas em diversas passagens do livro, a partir das palavras e feitos das personagens femininas, principalmente da protagonista, e claro que não ignora a “contribuição” das personagens masculinas no processo para produzir um corpo feminino. Tal estrutura desafia o leitor e lhe confere a responsabilidade de co-explicador que assume o tipo de cumplicidade que os escritos de Saramago em seu livro exige. Portanto, ao assegurar o protagonismo à mulher

do médico, suas maneiras e suas falas, o autor coloca em seu discurso uma pessoa como Beauvoir (1968), que recusa que a mulher seja submissa ao homem, porém Saramago buscou na sociedade moderna o estereótipo e o papel da mulher, encontro nessa busca discursos diversos como vemos na passagem:

[...] Então será preciso racionar alimentos que vierem chegando, disse uma voz de mulher [...] a mesma voz feminina, se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já é uma vergonha 62 que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos [...] (SARAMAGO, 1995, p. 96).

Nesse prisma, ao enfatizar o papel da mulher, o autor reconhece o valor social e o poder do papel feminino e seus discursos. Nessa história, podemos encontrar o medo, a insegurança, a frustração, mas também a conquista do poder, as mudanças de comportamento das mulheres ao longo do último século. Essa "idealização feminina" de Saramago permeia naturalmente os discursos e as formações ideológicas existentes na sociedade, mostrando um discurso construído em todo o desenvolvimento histórico da mulher e, em seu cotidiano, a busca continua em todos os espaços da vida social, uma dimensão rara e única da literatura portuguesa: a necessidade permanente de um vínculo que una a ficção à arte de questionar. Em outras palavras, seu romance é uma interrogação do mundo sobre o que é ou poderia ser. Na perspectiva da interdiscursividade, podemos afirmar que a idealização da mulher em *Ensaio Sobre a Cegueira* começa em relação a outros discursos: discurso do dia a dia, o feminismo, sexismo, antropologia etc.

Em seu livro, o autor apresenta experiências documentadas de mulheres na história e trajetória da sociedade, construindo um sentido de feminilidade ao refletir sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor. Assim, ao destacar o papel feminino, suas atitudes, suas ações e seu discurso, Saramago inseriu em seu discurso uma rejeição de Simone de Beauvoir (1967) às mulheres sucumbidas à experiência dos homens. Mas, para isso, a autora teve que buscar a imagem e o papel da mulher nos confins da sociedade contemporânea, observando múltiplos discursos nessa causa.

Na passagem do livro em que a heroína diz que:

[...] se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já é uma vergonha que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos [...] (SARAMAGO, 1995, p. 99).

A "heroína" conduz a situação para melhor, buscando assumir um papel novo ou alternativo na sociedade. Nessa perspectiva, Saramago mostra a personagem feminina exercendo seu poder de decisão informada. Na mesma direção, alguns dos valores que dotam

os papéis das mulheres no trabalho são aqueles que valorizam os papéis das mulheres na sociedade, lhes conferem dignidade e as representam ativamente. Vamos citar alguns desses valores: a mulher no centro das decisões; a mulher sensata; a mulher como equilíbrio de uma situação; a mulher da maternidade, proteção e providência.

Tais representações desafiam uma forma de discurso e a colocam contra outra, estabelecendo assim um debate interno entre duas representações opostas da mulher: por um lado ativa, organizada A mulher racional, inteligente, fonte de equilíbrio e sabedoria; por outro lado mão, a mulher histérica, ignorante, passiva, objeto de prazer. Na obra de Saramago tem-se, então, uma contextualização do discurso feminino à sua direita e seu inverso. A humanidade inteira transmite linguagem, fala e os humanos respondem a essa transmissão. Em seguida, cria-se um diálogo entre o eu e o outro.

O compromisso com posições-chave pode vir das próprias circunstâncias da trama, das atitudes dos próprios personagens, atitude que deseja ser reconhecida pelo leitor, desafiando-os a assumir posições-chave, chamando suas emoções, ou seja, por suas emoções (solidariedade, piedade, exclusão etc.) e levá-los a (re)avaliar seus valores (moralidade, justiça etc.). A personagem da mulher do médico se destacou porque sua atitude exigia primeiro força emocional antes de realizar procedimentos que exigiam força física. E não apenas a esposa do médico é a protagonista, quase todas as personagens femininas estão ativamente envolvidas na direção principal do romance. Por exemplo, a mulher com o isqueiro tomou coragem para incendiar a enfermaria onde estava o cego malvado, que a estuprou em troca de outros grupos de presos (de outras enfermarias).

Por que Saramago escolheria uma mulher para encerrar a cena com cegos enlouquecidos e homens extremamente cruéis? As mulheres são consideradas a força motriz por trás de todos os "eventos" sociais, sejam na procriação, decisões ou apenas acreditar em um mundo melhor. Fica claro também que essa escolha reflete uma das intenções do autor: colocar frente a frente o oprimido e o opressor, a rebelião do primeiro e a punição do segundo, tornando a cena um adereço catártico, um momento de euforia revolucionária. A literatura de Saramago está cheia de história e, neste sentido, *Ensaio sobre a cegueira* é uma obra única porque confronta homens e mulheres face a face com as condições (des)humanas e caóticas que desencadeiam fraquezas e fortalezas. Observemos na passagem:

[...] A mulher está de joelhos à entrada da camarata, mesmo junto às camas, puxa devagar os cobertores para fora, depois levanta-se, faz o mesmo na que

está por cima, ainda na terceira, à quarta não lhe alcança o braço, não importa, os ratilhos estão preparados, agora é só chegar-lhes o fogo. Ainda se recorda de como deverá regular o isqueiro para produzir uma chama comprida, já aí a tem, um pequeno punhal de lume, vibrando como a ponta de uma tesoura. Começa pela cama de cima, a labareda lambe trabalhosamente a sujidade dos tecidos, enfim pega, agora a cama do meio, agora a cama de baixo (SARAMAGO, 1995, p. 206).

Esta arte inabalável de Saramago não está de fora em *Ensaio sobre a cegueira*. Esse empenho com a estrutura narrativa e, no caso da obra atual, é perceptível a posição de alguns personagens femininas na obra. Esse comprometimento também pode ser analisado pela presença da autoconsciência feminina na estrutura verbal dessas personagens. O diálogo na fala de Saramago é carregado de vozes sociais e, por isso, ocorre o efeito polifônico. Essa é uma das estratégias discursivas mais poderosas para estruturar o romance de Saramago. Os textos são movidos por vozes que se respondem, se complementam e até discutem entre si. Esse é um aspecto importante na análise, pois busca-se identificar essas vozes e as formas como ora se complementam, ora se conflitantes, representando perspectivas expostas ao olhar focalizado e cúmplice de um leitor imaginado.

4.2 O aspecto feminino sob o escrutínio em *Ensaio sobre a cegueira*

Entender as personagens femininas da trama saramaguiana, como mostrou brevemente no capítulo anterior, é essencial para que se possa desenvolver o trabalho, fazendo as análises e observando seus resultados. De modo geral, fica nítido apreender como a mulher se outorga a uma identidade social e sexual, e como esta identidade é composta no romance em foco, de modo a instituir os papéis de inscrição da mulher. O “fio discursivo” sugere, sem o dizer explicitamente, uma busca de autoafirmação, por meio de um ponto de vista crítico que surge do não citado, do implícito, em discordância à encenação que evidenciam os lugares de inscrição da mulher, lugares que demandam um destinatário a identificá-los e a se posicionar, escolhendo-os ou recusando-os. Em todos os lugares, a mulher ainda demanda de reconhecimento e valoração da sua cultura e do seu ser. Se o mundo ocidental inicialmente aceitou melhor os atributos e as competências do sexo feminino, lidamos ainda com sociedades na qual a mulher é absolutamente reprimida e inibida, rotulada como um ser do espaço doméstico, da alcova, do afeto maternal ou da histeria neurótica.

A identificação feminina busca se firmar em sua capacidade de autoestima, progresso e liberdade através da igualdade de direitos políticos e da posição que a mulher assume na família, no lar, esteja ela como portadora do orçamento financeiro ou como educadora da criação dos filhos, ou, finalmente, em seu papel de direção da família. Ao averiguar as figuras femininas

em *Ensaio sobre a cegueira*, se observa alguns desses aspectos nos atributos de caráter. No texto de Saramago, as personagens, inicialmente, parecem buscar um perfil, por exemplo, para perceber sua natureza de mãe e protetora. Sua identidade se perde e se fragmenta no caos coletivo construído pela cegueira generalizada. Mesmo neste caso, essas mulheres são reconhecidas no romance porque conduzem toda a situação. No trecho a seguir pode-se reconhecer uma imagem de mulher cuidadosa por organizar o espaço, a comida, a bebida e ao mesmo instante ver o contraponto à figura masculina que se mostra egoísta, cruel e cioso:

[...] Então será preciso racionar os alimentos que vierem chegando, disse uma voz de mulher, Parece-me uma boa ideia, se quiserem falaremos amanhã, De acordo, disse a mulher. Já o médico se retirava quando ouviu a voz do homem que primeiro tinha falado, A saber quem é que manda aqui. Parou à espera de que alguém respondesse, fê-lo a mesma voz feminina, Se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já e uma vergonha que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos, Por que é que não os vai enterrar você, já que é tão esperta e tão sentenciosa, Sozinha não posso, mas estou pronta para ajudar [...] (SARAMAGO, 1996, p. 96).

Essencialmente, o romance não se desvia da vasta obra de Saramago, pois ressalta sempre para um problema do mundo moderno: fazer com que os humanos repensem o mundo em que vivem, reconhecendo suas próprias peculiaridades, especialmente as mais anormais, que denotam diferentes tipos de "cegueira". É essa observação que tenta levar o leitor a refletir sobre sua vida, que o autor atribui às suas personagens femininas. Essas personagens precisam refletir sobre temas como respeitar, valorizar a vida e compreender o mundo. Saramago cria diferentes papéis para seus personagens que se destacam ao longo do texto, revelando força, ou, inversamente, submissão na fala das mulheres em cada passagem.

De fato, Saramago traz uma situação muito contraditória entre personagens masculinos e femininos. Nesta parte, julga-se oportuno desenrolar a análise do corpus, por meio de algumas das personagens femininas do romance: a esposa daquele que foi o primeiro a ficar cego, a mulher do médico e a moça dos óculos escuros. Cada qual delas tem seu próprio papel na trama. A mulher do médico - que também é a heroína da história - é linda e é considerada uma esposa dedicada e protetora e mãe de todos. Ela é a única que não cegou, então ela é quem lidera a situação geral e coordena um grupo de cegos. Por nenhuma outra razão, ela aparece nas principais passagens do romance e parece reunir os vários lugares em que as inscrições femininas são desenhadas.

As qualidades dóceis e respeitadas são pontos onde as personagens querem romper com o conformismo feminino, embora a resposta decorra de uma necessidade primordial: a

alimentação, que de alguma forma recoloca a mulher na posição de proteção de sua mãe, e neste caso, também provedora, disposta a ir aos extremos para se manter viva. Nesse ponto da trama, também poderíamos vislumbrar uma inversão de papéis, ou uma reorganização interessante, já que agora são as mulheres que saem para buscar comida para levar para casa, enquanto os homens esperam e não podem fazer nada a respeito. Em um espaço cheio de paradoxos, uma cultura matriarcal, uma cultura em que as mulheres são responsáveis pela sobrevivência e organização das tribos, e uma cultura patriarcal em que os homens bárbaros atacam as mulheres, as violam e as dominam com força bruta, mas alimentam-nas. As representações da mulher do médico, da rapariga e da mulher do primeiro cego retratam os papéis e princípios explícitos da mulher na narrativa.

Em *Ensaio sobre a cegueira* diferentes mulheres possuem características que as identificam, cada uma com seu papel. Neste aspecto, é compreensível que o narrador manifeste certa simpatia pela personagem a rapariga dos óculos escuros. Ele criou um clima de absolvição para a menina ao descrever o ocorrido no qual ela reagiu ao assédio de um ladrão de carros, que resultou em uma lesão na perna, embora a lesão tenha sido feita com que o ladrão buscasse a ajuda do guarda e que ganhou, de repente, uma alvejada de balas, matando-o. Em sua reflexão, numa transgressão dos fatos, o narrador refere-se então a uma cegueira que os humanos não conseguem superar: cegueira que resulta da incapacidade de prever todas as consequências de suas ações, desejadas ou não. Quem sabe seja bom voltar a perspectiva de Simone de Beauvoir (1967), para quem as mulheres devem lutar com o destino submisso de seu sexo biológico; mas, para escapar dele, precisam se colocar para "transformar" em um homem, é tornar-se mais corajoso, mais forte, e não se deixar governar como seus predecessores na história.

4.3 O autoconhecimento do aspecto feminino em *Ensaio sobre a cegueira*

Para discutir o autoconhecimento feminino, no livro de Saramago, é necessário falar do discurso ideológico a respeito da mulher nos romances do autor. Saramago estimula e registra amplamente uma ideologia nas palavras e ações, atitudes e comportamentos discursivos de suas personagens que está imbuída de valor social, econômico e figurativos que existem em nossa sociedade sobre o papel da mulher. O discurso da personagem feminina é construído sobre esses valores, e essas características não apenas ajudam a moldar a imagem da personagem, mas também dão a ela espaço para desenvolver sua personagem tomando elementos de sua própria realidade. Desse ponto de vista, tudo o que representa os personagens, o conjunto de características que compõem sua imagem, é construído a partir de sua própria visão e, assim,

torna-se objeto de sua autoconsciência. Nota-se na passagem que se segue, que a mulher do médico se apresenta com uma imagem mais submissa, mas ao decorrer do texto nota-se o desabrochar da conquista desse autoconhecimento:

[...] O médico perguntou-lhe então que sentido da vida via ele na situação em que todos ali se encontravam, famintos, cobertos de porcaria até as orelhas, roídos de piolhos, comidos de percevejos, espiçados de pulgas, Também não queria que a minha mulher lá fosse, mas esse meu querer não serve de nada, ela disse que está disposta a ir, foi sua decisão, sei que o meu orgulho de homem, isto o que chamamos orgulho de homem, se é que depois de tanta humilhação ainda conservamos algo que mereça tal nome, sei que vai sofrer, já está a sofrer, não o posso evitar, mas é provavelmente o único recurso, se queremos viver, Cada qual procede segundo a moral que tem, eu penso assim e não tenciono mudar de ideias, retorquiu agressivo o primeiro cego [...]
(SARAMAGO, 1996, p.167).

Os traços de sua aparência, quer dizer, o que se é do lado de fora, do exterior, esse olhar oferecido pelo autor (através da "voz" do narrador), são complementados pelas ricas imagens construídas por seu excelente senso de consciência. O autor impele sua personagem a verificar sua própria imagem através de seu próprio espelho e encontrar sua verdadeira função. Portanto, a construção discursiva das personagens femininas, principalmente o da heroína, o livro de Saramago se baseia na verificação da autoconsciência da própria personagem, analisada por meio de seu discurso ideológico. Ao invés de se ater ao seu ponto de vista pessoal para moldar a personagem, Saramago permite que ela entre no reino da autoanálise e autoafirmação. Para Bakhtin (2006), o autor institui tudo, todos os aspectos possíveis de seu "mundo de papel" no próprio olhar da personagem, e depois joga para o fundo da autoconsciência da personagem. Essa pura autoconsciência é o que sobra no próprio ponto de vista do autor, um verdadeiro projeto de visão e representatividade.

A mulher do médico, personagem principal em *Ensaio sobre a cegueira*, tem um senso muito alinhado de si mesma ao longo do romance. Alinhado, porque não é cega quanto os outros, suas ações, o que ela faz, são baseados em seu senso de si. Ela tem a percepção que suas atuações são resolver a luta de todos para sobreviver no caos geral. De outro modo: a esposa do médico tem a responsabilidade em sua consciência de administrar a situação da melhor maneira possível. Assim sendo, seu lugar na trama é demonstrar uma certa função para a mulher; representa uma ideologia "feminina"; é apoderar-se do espaço feminino na sociedade. Dessa forma, a mulher do médico desempenha um papel primordial no romance de Saramago, orientando o homem diante do caos através do equilíbrio que existe em sua consciência. Nesse momento, a personagem fica livre porque suas ações são independentes. Podemos observar isso no trecho:

[...] Sou tanto como as outras, faço o que elas fizerem, Só fazes o que eu mandar, interrompeu o marido, deixa-te de autoridades, aqui não te servem de nada, estás tão cego como eu, É uma indecência, está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas, foi esta a cruel resposta, inesperada em pessoa que até hoje se mostrava dócil e respeitadora do seu marido (SARAMAGO, 1996, p. 168).

Assim, a personagem mulher do médico tem a capacidade de se realizar diante do mundo em que vive. Ora, para Bakhtin (2006), a autoconsciência não pode coexistir com outras características da imagem da personagem, ela as absorve como seu material e as priva de qualquer poder de determinar e resumir a personagem. Portanto, percebemos que essa autoconsciência não é mais uma característica que o autor atribui à personagem, mas sua atuação como um todo, pois essa característica em si absorve todas as demais características sem que o autor a descreva com detalhes desta figura feminina. Nunca deixa de ser o que realmente parece, o que o autor realmente construiu para ele. Em última análise, o autor identifica-o, representa-o e constrói-o dando-lhe este sentido de si tão fortemente. Pela perspectiva oposta, a autoconsciência do papel feminino da mulher do médico representa a expressão ideológica do discurso feminino no texto de Saramago.²

Ela procura a representatividade feminina, seu papel na sociedade, e nela se afirma. Vale ressaltar que as mulheres têm um papel menor em nossa sociedade, razão pela qual o movimento feminista busca eliminar a desigualdade. Se a tendência contemporânea está a cada dia mais focada em envolver as pessoas diretamente na sociedade como indivíduos e não meramente como representantes de categorias sociais (que no caso das mulheres estão em desvantagem), é necessário reconhecer que não alcançamos claramente essa tendência nas várias vozes que surgem no depoimento da mulher do médico. Seu senso de si mesma é construído por meio de discursos captados de outros. Nele, a personagem mantém seus desejos, suas limitações e sua personalidade. Muitas vezes ela se pergunta sobre seu próprio comportamento por meio de julgamentos socialmente predeterminados. Observa-se, portanto, que a personagem principal, em *Ensaio sobre a cegueira*, não tem uma aparência fixa, ou seja, ela é indeterminada por traços rígidos, dados por Saramago. A personagem possui uma autoconsciência da qual passa suas condutas e ações. A passagem nos permite, assim, a oportunidade de reflexão sobre a “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1996).

² Discorre sobre a analogia de “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 42), que se encontra nesta obra de José Saramago, na sua concepção de autor irônico, construiu e desconstruiu suas personagens.

4.4 As variadas visões a respeito da mulher

No livro de Saramago encontra-se diferentes perspectivas sobre a mulher e a feminilidade que retratam não só o universo feminino, mas como seria de esperar, o universo masculino na medida em que se complementam. Por meio dessas perspectivas, é possível transmitir a estrutura discursiva que circula nos diferentes tipos de discurso encontrados no livro. Nesse transdiscurso, em outras palavras, na horizontalidade em que esses discursos são construídos, percebe-se alguns como objeções, enquanto outros para confirmar os estereótipos das imagens femininas estabelecidas na sociedade (ou uma determinada formação social). Embora nossa análise se concentre em uma obra de ficção, fica claro que as experiências dos autores na construção de texto e na construção de sentido são colaborativas.

A perspectiva reparada em *Ensaio sobre a cegueira* determina as intenções do autor na narrativa. Há uma troca de posições que, dependendo da intenção, pode ser usar homens para descrever mulheres (ou vice-versa) para combater estereótipos e valorizar as mulheres. Afinal, para que uma opinião tenha sentido e se manifeste no plano do discurso, ela deve “chocar” com outro ponto de vista: é nessa troca linguística que os pontos de vista diferem ou coexistem.

No livro *Ensaio sobre a cegueira*, as visões são variadas. Às vezes temos o ponto de vista de uma mulher, e às vezes temos o ponto de vista de uma mulher. As perspectivas das mulheres se refletem em suas falas e atitudes e, como vimos, são caracterizadas pela autoconsciência e pelas formas de discurso que circulam no imaginário do discurso social. As percepções vistas sobre a mulher são reparadas através do olhar do narrador e por conta das falas e gestos das personagens não somente das femininas, porém também dos personagens masculinos.

Assim pode se dizer que no texto há uma estipulação de um apanhado de ideias, mais especificamente, em *Ensaio sobre a cegueira*, uma estipulação do potencial discurso feminino. Parece haver tensão entre as visões dos papéis femininos e masculinos. Essa tensão permite construir sentido no texto e compreender a representação feminina e a imaginação nela inscrita. Acredita-se que o sujeito expressa sua identidade, sua subjetividade, sua posição, enfim, o que acredita. E, por meio desse preconceito, ele constrói uma imagem de si diante do outro, diante do destinatário. Como corpo principal da comunicação, o autor insere uma posição no discurso da personagem. São os vários falantes de Saramago que constroem a narrativa, dão sentido ao

texto e demonstram o objetivo do autor em aceitar sua obra. Reflexões sobre a natureza humana e sua natureza aparecem nos escritos do autor.

4.5 Heroína, sua visão e a sua peculiar autoconsciência

A personagem principal do romance, narrada como mulher do médico, mencionada como esposa do oftalmologista, durante a dramática epidemia que é o tema central do romance, é a única que permanece "sã" no novo mundo dos cegos. Assim, sua identidade está ligada à profissão do marido, apesar de, como vimos, ela espelhar seu comportamento em grande parte do romance. Esta é a heroína de Saramago: uma mulher que vive em princípio à sombra do marido, mas através de sua autoconsciência ela se mantém firme e se reafirma através de grandes decisões e passagens da trama. Há uma autoconsciência da heroína que predomina em toda a narrativa do livro. Ela vem a ser inclusive, merecida e independentemente e assemelha em existir concomitantemente pela forma de se comunicar do autor.

[...] a autoconsciência da personagem está inserida num quadro sólido – que lhe é interiormente inacessível – da consciência do autor, que a determina e a representa, e é apresentada no fundo sólido do mundo exterior” (BAKHTIN, 2006, p. 51).

Depois que o marido ficou cego de repente, a protagonista fingiu ser cega e foi levada juntamente com ele, para isolamento no sanatório, uma medida de quarentena do Ministério da Saúde para separar os infectados dos saudáveis. Esse gesto mostra simpatia pelo marido na narrativa, e esse sentimento também será revelado na relação do romance com o próximo, as outras personagens cegas. Assim, a heroína de Saramago é compelida a ver a depravação da humanidade, pois as pessoas infectadas com a "cegueira branca" são jogadas em manicômios sem ajuda ou intervenção externa, não mais contando com a ajuda das autoridades, e, portanto, são obrigadas a viver em uma acumulação de um recinto de sujeira e lixo é de mau gosto, um lugar completamente prejudicado pela falta de higiene e organização.

Deste ponto de vista, pode-se afirmar que ela é a mais sofrida, principalmente por ser submetida a ver (que é sua prerrogativa exclusiva), a situação desumana em que ela e os cegos se encontram. Como dirigente do bando, a mulher do médico trabalha incansavelmente para tentar ajudar os outros cegos. É por intermédio de sua autoconsciência que ela está disposta a ajudar os outros e se sente responsável por todos porque ela é a única com visão. Mesmo assim, no decorrer da narrativa, diante da gravidade da situação, ela às vezes se desespera com o caos em todo o país por causa de sua impotência. No entanto, ela conhece seu papel ali, a importância

de seu equilíbrio, que lhe trouxe de volta a força necessária para continuar sua missão de guia e protetora dos cegos ao seu redor.

Estabelecida como condutora dos cegos, a mulher do médico torna-se a benfeitora do marido e de alguns outros que vivem no mesmo ambiente, os que compartilham a mesma camarata que ela. Cada vez mais, a coexistência dentro do manicômio tornou-se insustentável. Ainda assim, ela age com calma, ainda que às vezes, como se vê, ela se desespera e se puna. A protagonista permanece com sua visão até o final do romance. Isso deixa o leitor se perguntando por que o autor foi levado a atribuir um personagem tão forte a um personagem que também é vulnerável às vezes, nesse sentido referindo-se à tipologia imaginada do mundo das mulheres. O texto então nos dá a oportunidade de refletir sobre a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perdem.

Acredito que seja a atitude que emerge da fala e do discurso da heroína que o autor tenta inserir os princípios morais da sociedade que tanto quer reprovar, como a desumanidade, o egocentrismo, a insensibilidade, o consumismo e a disputa, que deixam os cegos “sempre em guerra” (SARAMAGO, 1996), e os valores que espera fazer prevalecer, tais como exemplos que incluem respeito pelos outros, dignidade, coragem, solidariedade e a capacidade de viver juntos. São essas formações identitárias que nos levam a acreditar que a heroína é a única personagem “lúcida” da trama. Por um lado, se Saramago acredita que o modelo capitalista da sociedade moderna cunhada no individualismo egocêntrico conduziria ao caos, como a convivência humana e a degradação ambiental, por outro, a aliança grupal sugestiva feita pela mulher do médico, que nos leva a refletir sobre como que essa via capitalista e egoísta em que vivemos nos levará ao caos e a degradação humana sem precedentes, podemos ver que há uma esperança se juntarmos forças e nos unir para transformar o mundo em que vivemos.

Existem aspectos que podem nos auxiliar a avaliar essa hipótese. A mulher do médico não tem carreira remunerada (como quase todas as outras personagens femininas do livro): cuida da família e se dedica ao marido numa relação de amor e submissão e o casal não tinha filhos. Portanto, ela é apenas "aquela" mulher. Com isso, Saramago pode estar de ironia fazendo uma analogia à história de Maria, símbolo máximo da maternidade, fazendo dessa mulher comum sem grande predicado, aos seus olhos, não a mãe do Cristo Jesus, mas a mãe de todos os cegos. De qualquer forma, as ideias que circulam no livro sugerem que a construção da imagem da heroína é em grande parte baseada em seu senso de si, é isso que a define e a coloca no centro da narrativa.

Saramago, sujeito-comunicador, dá vida às personagens e usa o narrador como veículo de sua voz, ou como via condutora de sua voz na narrativa e, o mais importante, os faz sustentar uma visão de mundo heterogênea ou homogênea, de tal forma que a construção expressa a relação do autor com a humanidade: "Pode-se dizer que o artista cria o mundo através das palavras, para as quais a palavra deve ser superada internamente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão do relação com esse mundo (Bakhtin, 2004). Assim, conclui-se que o sujeito-comunicador, o autor, estabelece e transmite um ponto de vista aos falantes (narrador e personagem) da narrativa. Esses expressam sua visão de mundo para as diferentes formas de discurso que circulam no imaginário coletivo (discurso social).

Saramago abre assim a abertura para diversos discursos que compõem a sua narrativa, retratando uma realidade ficcional, imersa num universo de significados. A realidade narrativa deve existir para o homem construir significado. O discurso das personagens constrói em grande parte esse mundo de sentido, ou seja, apresenta no/através do discurso as diferentes visões que circulam em um grupo. Pode se chamar essa instância de visão de interação. Cada personagem cria sua imagem por meio desses pontos de vista, que são retirados da imaginação social e, quando incorporados através do discurso, tornam-se o imaginário do discurso social. Desse ponto de vista, as personagens femininas de Saramago possuem características que os fazem pertencer a um ou outro grupo, a um discurso ou outro, como se vê até aqui.

A literatura não se produz, ela é diversa e rica linguisticamente. Duas linhas que erroneamente não se aproximam tanto, a linguística, no estudo dos textos não literários, e a literatura, na exploração estética dos textos, se fundem aqui com o objetivo de afirmar seu papel no discurso literário. perpetuar-se, independentemente de preconceitos. O nível de expressão do discurso literário traz visões de mundo que se materializam no discurso que estabelece o cenário de sua expressão. A intertextualidade está relacionada porque uma obra não é um campo isolado, mas um conjunto de outros discursos e vozes que a integram, muitas vezes resgatados de outros textos específicos. Percebe-se que na ficção em foco temos essa intertextualidade porque percebemos mais ou menos explicitamente a integração de diferentes vozes. Saramago dialoga com muita frequência com textos bíblicos, conforme trecho:

[...] No princípio, Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas, em vez disso, o que sucedeu foi o velho da venda preta dizer enquanto seguiam avenida abaixo, Pelo que pude saber quando ainda tinha um olho para ver, no princípio foi o diabo, as pessoas com medo de ficarem cegas e desmunidas, correram aos bancos para retirarem os seus dinheiros, achavam que deveriam acautelar o futuro [...] (SARAMAGO, 1995, p. 253-254).

No mundo intertextual de *Ensaio sobre a cegueira*, entende-se que exista uma dimensão alegórica que abre caminho para o sentido e a compreensão do romance. Nesse caso, mostra-se impossível separar o texto da intertextualidade existente. É a partir desses intertextos que permeamos o universo ficcional que foi criado, os preconceitos éticos que permeiam o livro. *Ensaio sobre a Cegueira* é um multi-artigo denso que visa trazer aos leitores uma alegoria a respeito do destino da humanidade através de uma abordagem crítica. Na construção do sentido textual, no entanto, destaca-se a imagem da mulher, em consonância com a imagem idealizada do autor, na qual podemos descrever a mulher como condutora, guia e protetora da situação, pessoa que tem o poder de decidir, a imagem de uma contra a outra: a mulher submissa, passiva, condicionada pelos desejos dos homens.

As personagens femininas do texto não discutem o poder renovador e purificador da água em sua beleza. É observado nesta passagem, o momento em que a mulher do médico conduz a todos à sua verdade: “estás magra e suja, feia como nunca o serás” (SARAMAGO, 1996). Assim, ela assume o papel de condutora situacional (subvertida) como personagem central do romance, já que ela é a única vista na fábula da cegueira de Saramago. A intertextualidade é assim apresentada em *Ensaio sobre a cegueira* de várias formas: através de alusões (como na cena do banho), através de paráfrases ou paródias, através de frases de efeito etc. Essa voz emaranhada está presente na representação de diversos discursos no romance: discurso feminino, discurso masculino, discurso religioso etc.

Essa subversão por personagens femininas ao redor do macro tema da cegueira é, em grande parte, o foco do romance de Saramago para mulheres. A legitimidade de um orador é conferida por uma concessão feita por outro a uma situação. Tanto o locutor quanto o destinatário têm um espaço no ato da comunicação, pois precisam interagir e defender sua posição na discussão. Para que exista um contrato de comunicação, é necessário que o locutor projete uma imagem de si no discurso, capacitando-o a dizer o que diz, legitimando-o. No que diz respeito à figura feminina, Saramago (como autor implícito) numa narrativa centrada na mulher do médico, simultaneamente tem uma profunda consciência dos estereótipos que cercam as mulheres e uma crítica deles - ou muitos deles - que ainda existem em nós. "ideia clara" na sociedade. Ao mesmo tempo, requer um leitor cooperativo (implícito) que possa entender essa figura feminina idealizada como ela é subvertida.

A heroína da trama apresenta momentos de conflito na narrativa, ora submissa, ora contra o mundo masculino, que inverte os papéis tradicionalmente atribuídos a mulheres e

homens. Os conflitos presentes em *Ensaio sobre a cegueira* permitem analisar as diferentes situações que permitem a circulação de diferentes discursos e são responsáveis pela difusão do imaginário social. Como já foi dito mais de uma vez, se a mulher do médico às vezes representa o estereótipo feminino (uma pessoa mais vulnerável, geralmente dependente do homem), ela costuma ser assumida cega em *Ensaio sobre a cegueira*, em contraste com a sociedade criada na trama A imaginação que circula, que reflete nossa imaginação.

Os parágrafos seguintes mostram os pressupostos dos estereótipos da protagonista associados às mulheres e suas inversões (subversões). O primeiro parágrafo consiste na atitude sensível da esposa do médico em relação aos seus "pedidos" e ao choro, muitas vezes associados ao mundo feminino. No segundo parágrafo, há uma menina que questiona a atitude de choro do protagonista. O terceiro parágrafo corresponde à resposta da heroína à pergunta da menina. Nele, a esposa do médico tenta se manter forte mesmo com uma atitude que demonstra fraqueza (atitude de choro).

Essas passagens sugerem que a imagem da mulher do médico construída pelo autor - que exige a aprovação do leitor - representa a estrutura, a fortaleza e o guia, apesar da confusão e desorientação geral. De outro modo, essa mulher forte e determinada, que na verdade comanda os outros, mantém alguns dos estereótipos associados à feminilidade, como as emoções que ela se entrega em alguns momentos. Se desse jeito não fosse, talvez as figuras femininas da narrativa de Saramago parecessem artificiais demais para merecer qualquer crédito dos leitores. A esposa do médico reflete sobre sua não cegueira. Sua busca por respostas para o porquê de não ser cega quanto todo mundo demonstra uma racionalidade que reforça as diferenças de papéis entre homens e mulheres na construção narrativa. Chegando nessa última etapa do traçado da imagem da mulher do médico construída pelo autor - que exige a aprovação do leitor - representa a estrutura, a fortaleza e o guia, apesar da confusão e desorientação geral.

De outro modo, essa mulher forte e determinada, que na verdade comanda os outros, mantém alguns dos estereótipos associados à feminilidade, como as emoções que ela se entrega em alguns momentos. Se desse jeito não fosse, talvez as figuras femininas da narrativa de Saramago parecessem artificiais demais para merecer qualquer crédito dos leitores. A personagem principal reflete sobre não estar com a cegueira branca. Sua busca por respostas para o porquê de não ser tão cega quanto todo mundo demonstra uma racionalidade que reforça as diferenças de papéis entre homens e mulheres na construção narrativa. Decerto é válido resgatar aqui a visão de Simone de Beauvoir (1967), na qual as mulheres necessitam lutar contra

o desígnio da submissão de seu sexo biológico; mas, para se libertarem disso, necessitam se “transverter” em homens, melhor dizendo, ser mais fortes e corajosas, não se permitindo dominar como as antecessoras na História.

[...] Se antes de cada ato nosso nos puséssemos a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar. Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma forma bastante uniforme e equilibrada [...] (SARAMAGO, 1996, p. 84).

A problemática que abarca o fato de a mulher do médico não estar cega se desenrola pela narrativa, sendo as vezes mencionada pelo narrador, as vezes pela própria mulher, ao dialogar com o médico, seu marido. Como já foi apontado mais de uma vez, a atitude da protagonista distancia-se do papel de ações que se supõe simplesmente circular no imaginário social (discurso social) associado ao universo feminino. A partir do momento no episódio em cegos malfeitores se apoderam da comida, a mulher do médico passa a mediar a conversa para garantir comida aos demais, o que ilustra bem as representações sociais que se imagina estabelecer. Por um lado, o poder dominante do homem; por outro, a mulher presente sentiu que estava enfrentando uma situação que ele havia imposto. Nota-se que a mulher do médico tenta mediar o diálogo entre os grupos, atitude que faz com que o grupo de cegos malvados perceba sua presença e veja nela a possibilidade de atritos, as regulamentações obrigatórias quanto à distribuição de alimentos.

Mas por que a heroína de Saramago está sempre no centro da tensão narrativa, e não um personagem masculino como o médico, seu marido, que pode ser negociado em pé de igualdade quando todos os outros personagens têm a mesma cegueira? Acredito que esse é o papel que o autor está disposto a atribuir à protagonista, chamando e, principalmente, subvertendo os estereótipos e representações femininas que circulam na sociedade. “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1996 p.96).

As cenas de expressão são, portanto, contraditórias e aprofundam as representações sociais da realidade que circulam na mente dos personagens do romance e as “imitam”. Não obstante para um corpus literário, essas representações são invocadas ao texto para lembrar a existência de diferentes grupos sociais com diferentes formas de saber, sistemas ideológicos e geração de sujeitos, permitindo analisar as condições em que o texto é produzido, a conexão do texto e do contexto, neste caso, um romance que tenta delinear o comportamento humano através da ficção, confrontando a confusão criada pelo tema central da obra, "cegueira branca".

Essas concepções são as maneiras pelas quais diferentes grupos sociais veem e julgam o mundo, atribuem valores, diferenciam e categorizam posições.

Então pode-se dizer que aqui encontra-se um conjunto de vozes sinalizadas pela historicidade, pois esse discurso não se dá separadamente da vida social. O enunciado incorporado no texto estará sempre no espaço entre a palavra e o acontecimento. Aqui, também destacamos o comportamento das personagens, refletido em seus projetos de fala. A conquista do narrador/autor apresenta juízos de valor ao seu co-narrador, principalmente nos momentos de conflito da trama. Em última análise, a personalidade do narrador é expressa através do discurso.

Empregando conceitos escolhidos da teoria da enunciativo-discursiva³, nota-se que a cegueira pode, assim, ser vista como um tema que evoca um conjunto de representações que, embora apareçam na própria experiência, nas relações sociais cotidianas, podem encobrir a realidade. Tais expressões escondem a realidade, pois alguns cegos "[...] não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento". Estas relações conflitantes fazem parte do tema, definindo seus falantes e indicando a representação de gênero, feminilidade e masculinidade na narrativa. O corpus é repleto de narrativas de protagonistas, construídas para prender a atenção do leitor, traçar peculiaridades das personagens e, principalmente, idealizar as mulheres.

Vários antropólogos mapearam conceitos coletivos de mulheres, aqueles que tentam torná-las "invisíveis", ao mesmo tempo em que retratam a importância do homem na construção da civilização atual. Tudo isso se reflete em textos que falam sobre as mulheres. Hoje, em pleno século 21, sabe-se que é impossível relatar qualquer coisa, principalmente a história recente, muito menos o envolvimento do chamado "segundo sexo". No entanto, o universo feminino ainda é deturpado pelo universo masculino. O imaginário social ainda carrega os estereótipos seculares que perduram no discurso veiculado em nossa sociedade. É disso que também fala Saramago em *Ensaio sobre a cegueira*, ainda que de uma forma singular de lidar (ou subverter?) estes estereótipos. E como Bakhtin descreve, circunda uma maneira de criação que se difunde sobre uma realidade ou sobre ficção.

[...] o autor não encontra de imediato para a personagem uma visão não aleatória, sua resposta não se torna imediatamente produtiva e de princípio, e do tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem: esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados

³ De acordo com Bakhtin (2010), "o discurso enunciativo deve ser analisado a partir da esfera social em que se insere, considerando a assimetria entre os interlocutores, incluindo ou não o próprio pesquisador, no contexto direto e indireto".

em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; [...] Bakhtin (2005, p. 4).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como referido no prefácio, este trabalho constitui uma interface entre a teoria do discurso oral e a escrita literária, com o objetivo de pormenorizar e explicar a representação da mulher na narrativa romancista de *Ensaio sobre a cegueira*, centrando-se sobretudo na protagonista: a mulher do médico. O trabalho inicia-se com um capítulo teórico que aborda as aproximações entre análise do discurso e literatura. Desse ponto de vista, o objetivo é evidenciar que é ilusório entender linguística e literatura como linhas inerentes e incomuns uma à outra. Enquanto a literatura tem uma contribuição única para a linguagem, a escrita literária é de fato um discurso. A aproximação da linguística e da literatura apenas enriquece a análise do discurso literário. A base teórica, simplesmente, consiste com as contribuições da teoria sobre romance de Bakhtin, especialmente no modo da organização narrativa e imaginação do discurso social. *Ensaio Sobre a Cegueira* é uma obra única e singular que inspira o leitor a pensar e se imaginar em questões inusitadas, como: de repente não conseguimos mais ver com os olhos como seria a sociedade; se não houvesse uma visão física das coisas, como vamos sobreviver e ainda mais: como vamos lidar com o caos perante o outro.

O escritor português José Saramago tem a capacidade de enquadrar suas obras com precisão, preenchendo-as com detalhes que permitem ao leitor vivenciá-las com autenticidade, e até mesmo se integrar ao texto narrado. Neste trabalho é possível mostrar a heterogeneidade de textos, especialmente textos literários como *Ensaio sobre a cegueira*, como a primeira etapa da criação. Também é mostrado que existem múltiplas possibilidades de pesquisa entre a análise do discurso e a literatura, e que o discurso nos textos ficcionais pode nos levar por certos caminhos, especialmente os da reflexão sobre o mundo e nossa integração nele. A forma como o autor lida é com maestria. Como se vê, o corpus literário é repleto de significados e pistas norteadoras para a interpretação do mundo. A literatura nada mais é do que um lugar de reflexão e crítica sobre tudo que está a nossa volta, mesmo através de histórias fictícias. Nesse sentido, mostra como a construção dos papéis femininos elabora um discurso sobre as mulheres, um discurso marcado pela heterogeneidade de vozes, visões sobre as mulheres, sejam elas

conduzidas pelo narrador (a voz do autor no texto), ou através dos próprios personagens, através de seu senso de si.

A imagem do feminino representada pela mulher do médico serve para explicar as características ideológicas da mulher, e o autor, por meio de sua personagem, assim como das outras mulheres, em sua obra, registra posicionamentos provenientes do discurso feminino. Há interseccionalidade em todo o romance. Assim, o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos constituem a intersecção dos textos. Bakhtin, sobre a construção dos discursos (sua ressonância é dialógica e contínua), aponta que cada discurso é repleto de ecos e referências a outros discursos, aos quais se associa no contexto de uma comunicação linguística comum. A compreensão da personagem é abarcada pela própria consciência do autor, isto é, o conhecimento da personagem, o todo que a totaliza, nos discursos de Bakhtin, vem de uma consciência diferente: a consciência que cria, a do autor. Esse sujeito-comunicante, traz vivacidade as suas personagens, utiliza o narrador como condutor de sua narrativa. Como dispõe Bakhtin:

[...] A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra (BAKHTIN, 2005, p. 11).

Para o autor, é preciso primeiro ver os enunciados como respostas a enunciados anteriores, formulados em um dado contexto, capazes de rejeitá-los, confirmá-los, completá-los, confiar neles, supor que já os conhecem, ou seja, confiar neles de uma forma ou de outra. Um enunciado, nessa perspectiva, se preocupa não apenas com seu próprio objetivo, mas também com a fala do outro sobre o mesmo objetivo. O discurso, portanto, é um elo da cadeia que forma a comunicação linguística, que não pode escapar do elo que o determinava anteriormente, tanto interno quanto externo, evocando respostas imediatas e diálogos que ressoam.

As diversas visões de mundo desafiam o leitor do texto de Saramago a mergulhar na vida das personagens, gerando hipóteses e descobrindo lugares pertencentes ao imaginário que

circula em nossa sociedade. No que diz respeito às mulheres, sua representação é cada vez mais evidente nos escritos da sociedade atual. As mulheres contemporâneas estão pautadas em textos que sugerem reflexão sobre o mundo. A forma como as personagens de *Ensaio sobre a Cegueira* são apresentadas, e neste caso as personagens femininas, nos são apresentadas, expressando uma visão de mundo que liga as tramas ficcionais à vida, à realidade social e histórica, uma percepção de mundo sobre as mulheres e a sua relação de poder dos homens, sobre a visão de mundo das mulheres.

Mais profundamente, nos revela a força interior que irradia naturalmente de cada mulher, a firmeza que vem de dentro dela, manifestada em momentos de dor e precisão, irmandade, maternidade em seu próprio subsolo, mas se necessário. esteve em uso o tempo todo. É uma relação de poder e, portanto, um suporte de reconhecimento e posicionamento crítico, ligando duas visões de mundo do diálogo e da dialética: uma manifestada na trama através da caracterização e profecia das personagens; subjacente, que aparece como uma segunda intenção de Saramago, e questiona o leitor a aderir uma colocação discursiva adversa àquela que insufla na inferioridade feminina.

No romance, as estruturas discursivas perduram e se entrelaçam, marcando as posições ideológicas que nelas existem, impulsionadas pelas palavras e ações dos personagens e pela voz do narrador, cujas instâncias são todas “instrumentadas” pela mão firme do autor. No romance de Saramago, fica claro que o autor não se faz o centro axiológico da obra, não critica explicitamente os personagens, não os julga. Os personagens parecem ter sua própria autonomia de ação, gozar de sua própria consciência e agir de acordo com essa consciência.

São as atitudes e as palavras das personagens que as prenunciam e permitem ao leitor formar seu próprio julgamento sobre elas pouco a pouco, identificar e interpretar, tomar uma posição em cada momento, em cada conduta, em cada ação. Bakhtin (2003) ressalta que ao autor é dada a autoridade necessária ao leitor, que o vê como um princípio a ser seguido. Suas personalidades são criadoras de visões construídas através do mundo dos personagens e servem como princípios ativos para o processo de identificação e interpretação. Nas palavras de Bakhtin (2003): “O autor deve ser entendido, antes de tudo, a partir do acontecimento da obra como participante dela, como orientador autorizado do leitor”.

A obra literária e o universo que ela constitui pressupõe um leitor-ouvinte implícito que corresponde ao próprio autor, está em sintonia com sua consciência e é capaz de compreender

a intenção estética e axiológica da obra. Autores e leitores-ouvintes são, na verdade, entidades ideais e não devem ser equiparados a pessoas realmente experientes no mundo. Bakhtin (2003), revisa essa relação entre autor e leitor ressaltando que os estudiosos literários contemporâneos, principalmente os estruturalistas, tendem a definir o ouvinte interior de uma obra como o ouvinte ideal que entende tudo; é esse tipo de ouvinte que é assumido na obra. Obviamente, este não é um ouvinte empirista, nem um conceito psicológico, mas uma imagem do ouvinte na alma do autor. É uma forma abstrata, ideal. Foi contestado pelo autor dos mesmos ideais abstratos. Nesse conceito, o ouvinte ideal se resume a uma reflexão especular, uma dublagem do autor.

No que diz respeito à criação de discursos sobre o papel feminino na obra *Ensaio sobre a cegueira*, muitas vezes se levantou a hipótese de que a posição inscricional da mulher é expressa pelas ações, atitudes e discursos e retóricas e posições das personagens femininas para indicar a primazia das personagens masculinas sobre as mulheres. Os leitores reconhecem onde estão essas inscrições e se opõem às estruturas de poder e dominação que as constituem. Portanto, esse leitor ideal deve ser guiado por uma dimensão de interpretação condizente com o próprio autor, pois, como diz Bakhtin, ele também é construído como sua imagem especular (do autor).

Note-se que *Ensaio sobre a cegueira* não pressupõe apenas o poder interpretativo dos discursos sobre as mulheres evocados pela trama, mas também tenta estabelecer um leitor ideal capaz de assumir uma posição de leitura específica em relação à posição da mulher na obra assim como com mulheres e homens. As ações das personagens estão relacionadas à visão de mundo representada pelo discurso. Vale a pena refletir sobre porque o autor do livro colocou personagens femininas como a mulher do médico no romance, e deu a ela o destino de não ficar cega, tornando-a única no romance. Ela é a única que pode ver, torna-se a provedora de todos, e passa quase todo o romance resolvendo problemas, ajudando e atendendo às necessidades dos cegos. Vale a pena notar que sua singularidade é conferida por um atributo que falta especialmente para ela. Ela começou a ansiar por uma cegueira que não ocorreria mesmo que houvesse algum tipo de dor. Também único porque como provedor torna o seu trabalho essencial.

Beauvoir (Simone de Beauvoir, 1967) destacou certa vez: "As mulheres se aproximam dos homens pelo trabalho, e só o trabalho pode garantir sua independência concreta". Se voltarmos a nos referir a ela, é porque acreditamos que a protagonista adquire autonomia na

ficção necessariamente por meio do trabalho (no caso, "guiando" a comunidade cega), mas, como na vida real, ela não o faz. dizem que ela alcançou a independência completa, porque paradoxalmente, ela foi vítima da deficiência dos outros, especialmente do marido. Os textos de Saramago sugerem uma reflexão sobre a condição humana. Os discursos que a atravessam constroem personagens, associados ao gênero a que pertencem (masculino ou feminino), e a representações que se propagam no imaginário do discurso social. Essas representações afirmam ou refutam estereótipos enraizados em uma determinada sociedade. Aqui, uma sociedade fictícia que tem muito a ver com a nossa realidade social.

É claro que a literatura estabelece sua identidade por meio do discurso e do contexto em que está inserida. A redução das obras literárias a uma simples compreensão de conteúdo e estética está longe de ser um estudo de construção de sentido. Assim, o trabalho termina com uma reflexão sobre a situação da mulher nas realidades sociais contemporâneas e a sua situação na literatura de Saramago. Para buscar sua autonomia e independência, onde a cegueira ainda a inscreve na obediência e na dominação, a mulher se replica e precisa transcender todos os outros, inclusive os homens, e assumir cada vez mais responsabilidades, inclusive aquelas tradicionalmente limitadas aos homens, desde prover as necessidades materiais, organização social e econômica para a política sem ter que deixar de fazer o papel de mãe ou pai (pai e mãe ao mesmo tempo), preceptora etc.

O repertório literário em questão não é um insulto ao feminismo, mas um texto que, entre outras coisas, veicula uma afirmação sobre o modelo de privilégio das mulheres. Na condição do próprio objeto literário, o texto torna-se o suporte da partilha, da cumplicidade e da identificação entre o expressor e o receptor. Na relação entre a obra e o leitor, devemos entender que, conforme Bakhtin (2008), para o leitor, o autor é o conjunto de princípios criativos que devem ser realizados, a unidade de elementos transcendentais na visão, que pode positivamente conectar-se aos personagens e seus mundos.

Deste modo, o leitor, ou leitora, que quiser ler *Ensaio sobre a cegueira* terá ao mesmo tempo o que é dito sobre a mulher, como ela é vista, como é reconhecida ou interpretada, e como é suprimida ou preservada em o mundo de suas inscrições. Afinal, essa dicotomia dita as palavras e ações dos personagens. Questionado por essas reivindicações, por essas posições, por essas formas de discurso, cabe ao leitor se posicionar, se posicionar como sujeito e, de algum modo, relacionar-se com a subjetividade que a obra lhe oferece. Ao final, cabe a ele

buscar a cumplicidade simbólica inscrita na obra, pois a relação de diálogo pode ser contratual ou argumentativa, aceitar ou rejeitar, concordar ou discordar.

Saramago vai construindo ao longo de *Ensaio sobre a cegueira* algo meio contraditório, já que ele está falando sobre a cegueira, um mundo de cegos, mas que nesse mundo de cegos vai se tecendo ao longo da narrativa um museu imaginário, onde se trabalha com o conceito de Borges (1944), um museu infinito, uma biblioteca infinita, um quadro infinito como um modo de estar à frente da impossibilidade de ver, por isso é um quadro infinito, por mais que haja as referências elas irão funcionar de acordo com a memória, de acordo com cada leitor. Essa cegueira é aquela que não quer ver, que não vê o sofrimento do outro. A arte, a narrativa, a literatura e os quadros irão nos possibilitando para ver, para ter imaginário, para sair da lógica do poder, da lógica da utilidade que resume o ser humano da sua força de trabalho. É uma ponta de esperança que se vê frente a toda essa barbárie que vemos por aí. Como diz o autor: “escrevo para desassossegar meus leitores”.

6 - BIBLIOGRAFIA

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KOCH, Ingedore. G. Villaça.; BENTES, Ana Cristina.; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade: Diálogos Possíveis**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual Análise de Gêneros e Compreensão**. Editora Parábola, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. BEZERRA, Paulo. UFF-USP. São Paulo: Editora Forense Universitária.

<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=201351> . Acesso em: 17 junho, 2022.

SARAMAGO, José. **Biografia** <https://www.portugues.com.br/literatura/jose-saramago.html> .

KRYSTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. Editora Perspectiva, 2012.

MACHADO, Ida Lúcia. **Parodie et analyse du discours**. Paris: Editora L'Harmattan, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, Paris: Editora Nova Fronteira, 1967.

DURIGAN, José Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Tradução Bini, Edson. 1º ed. Bauru: EDIPRO, 2003.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções - A biblioteca de babel**. Argentina, Ed. Ediciones Sur, 1944.

KENNY, Anthony. **História Concisa da Filosofia Ocidental**. Lisboa, Temas e Debates, 1999

KLEIN, Joel Thiago. **O Conceito Kantiano de Metafísica dos Costumes**. PERI, Revista de Filosofia [online]. Florianópolis. v.01, n.01, 2009, p. 57-72. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/815>. Acesso em: 30 maio, 2022.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.